

5. Buscar as feições invariantes ou estruturais dos fenômenos. O pesquisador que se dirige para o fenômeno como sendo a-coisa-mesma a ser interrogada, busca a feição particular e peculiar do fenômeno, fora de qualquer possibilidade de ambigüidade. Busca a estrutura das coisas que surgem da maneira como elas são. Os padrões que se repetem são significativos e devem ser ativamente interrogados. Para chegar à invariabilidade do fenômeno, o pesquisador precisa interrogar o fenômeno várias vezes, assim como pode, também, fazer convergir suas interrogações com as interrogações de outros pesquisadores que trabalham da mesma maneira.

5.1. A invariância de um fenômeno surge, somente, quando todos os aspectos do fenômeno pertencem genuinamente à uma mesma gama comum.

Cada um destes tópicos, ou momentos da investigação que interroga os fenômenos, poderia ser trabalhado em suas particularidades. Isto, todavia, escapa aos objetivos destas anotações. O que se pretendeu fazer foi completar o artigo do Professor Tonucci, mostrando que há possibilidade de se interrogar a escola, na sua totalidade, evitando-se o uso de instrumental, medidas e critérios de certeza externos, dados por uma linguagem paralela à própria interrogação do fenômeno.

É verdade, como bem diz o professor, autor do artigo, que a observação é um dos elementos indispensáveis para interrogar os fenômenos e que ela não pode deixar de constituir o conectivo que liga e dá significado aos outros dados.

Em todo interrogar os fenômenos, há sempre um início que coincide com uma observação empírica dirigida para o campo total de fenômenos possíveis de serem experienciados. Inicialmente, o interrogar procura ver as coisas com uma forma peculiar de abertura que é análoga a todos os grandes pesquisadores que interrogam os fenômenos, chegando a uma nova visão do universo. Isto não significa, todavia, que o ver empírico deva ter o seu prosseguimento na segmentação do fenômeno em variáveis independentes e dependentes, cujas intensidades devam ser medidas segundo um método psico-físico. Também não se torna necessário o uso de instrumentos de medida, externos, que poderão distorcer completamente o ver do pesquisador, o seu interrogar e, conseqüentemente, os graus de invariância do fenômeno.

O artigo do Professor Tonucci é muito importante enquanto des-vela sua preocupação com a pesquisa em Educação e em Psicologia. É um alerta para todos aqueles que interrogam no momento a educação que se apresenta aos investigadores, no seu leito Procustiano.

PESQUISA NA ESCOLA: UMA ALTERNATIVA PELA VIA INSTITUCIONAL

Sandra Carvalho

Coordenadora do Plano Municipal de Educação de Piracicaba
- PME.P.

Este texto pretende comentar uma experiência de trabalho em educação popular pela via institucional. Quero tornar claro aos leitores que o fazemos com certa emoção, já que estamos envolvidas diretamente no processo de criação e implantação de um plano municipal de educação em Piracicaba. Quando iniciamos o trabalho, em meados de 1978, estávamos ligadas à pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos, e tínhamos na época, uma visão da escola e da atuação dentro dela, bastante diferente da que hoje defendemos. Essa mudança de posição deve-se, em grande parte, a esta experiência educacional, onde tentamos unir a prática pedagógica com a economia política.

Esta é uma das importantes razões pelas quais devemos divulgar o trabalho, ainda mais se considerarmos que é fruto da reflexão teórica e da prática de educadores relativamente jovens, que passaram a atuar profissionalmente no período pós 1964. Explico: ao frequentarmos o curso de graduação e mesmo o de pós-graduação em educação, entramos em contato com a produção teórica voltada à denuncia das mazelas do sistema educacional brasileiro, sendo raras as propostas de modificação,

principalmente no que se refere à via institucional. Portanto, conhecíamos poucos trabalhos que nos ajudassem a refletir sobre a prática escolar de maneira globalizante, pois tínhamos de um lado as denúncias e de outro, como Tonucci bem aponta, o uso indiscriminado do método experimental que "aumentou a distância entre a reflexão psicopedagógica de um lado, e a escola 'assim como ela é' de outro."

Desta forma, quando fomos chamadas pela Administração de Piracicaba para coordenar o Plano de Educação, o que nos motivou a aceitar a proposta foi a possibilidade de inovar metodologicamente dentro da instituição a partir de "hipóteses político-sociais".

Ao estabelecermos os objetivos do Plano de Educação, pretendíamos ir de encontro às necessidades da população da cidade, ou seja, atender a demandas estruturais significativas para o incremento da renda nas famílias; atender a adultos para a melhoria de situação junto ao mercado de trabalho; atender às crianças que frequentam as escolas estaduais, de modo a superarem algumas barreiras culturais. Conseqüentemente, teríamos o desenvolvimento dos seguintes programas: creche e pré-escola,

complementação para adultos e suprimento de escolarização para crianças até a 4ª série do 1º grau.

Para atingir esses objetivos, a comunidade deveria ter à disposição um serviço escolar eficiente, tanto no sentido de produção cultural quanto no de socialização da preparação pedagógica e didática. Sabíamos que só desta maneira abríamos caminho para uma nova escola, principalmente pelo sentido de participação que adquiriria. Foi por esta razão que optamos por professores e monitores moradores dos bairros onde se instalariam as unidades educacionais, cabendo à nós, coordenação, a formação desses quadros profissionais.*

Em nossa opinião, a formação dos agentes educacionais deve vir acompanhada das seguintes preocupações:

- análise das condições sócio-políticas. Não enfatizar unilateralmente o aspecto técnico, mas formar o profissional para uma atuação a nível do social;
- a preparação de professores e monitores deve estar voltada para um plano de intervenção formativa, ou seja, a ênfase deve estar no processo e não somente no produto. Tonucci coloca claramente este problema quando afirma que as intervenções educacionais acontecem a longo prazo e que não devemos buscar resultados imediatos, já que a prática escolar é cumulativa. Num caso como o nosso, tal aspecto é especialmente válido já que os agentes se formam ao longo do trabalho.

Assim, a força do processo educativo não está baseada unicamente no grau de preparo do professor, que é somente um dos elementos de um sistema de múltiplas determinações, mas está em relação direta com o ambiente de trabalho, o relacionamento entre colegas, alunos, pais de alunos, comunidade e, principalmente, com a estrutura de gestão da unidade educacional. Ao pensar desta maneira, estamos modificando o quadro, do ponto de vista da estratégia de ensino, da experiência pedagógica, e da própria formação dos professores.

Exemplificando, o morador do bairro, portanto com formação modesta, vem trabalhar num dos Centros Polivalentes de Educação e Cultura, bases físicas do PMEP;

ali, ele participará do planejamento das atividades, orientado por um supervisor, preparará os materiais de ensino, não estará isolado em sua classe, nem ficará responsável individualmente pelos seus alunos. Será, ao contrário, parte de uma equipe, sempre trabalhando em grupo e com o grupo, convivendo com seus colegas, dividindo com eles a organização da unidade, que não estará sob a responsabilidade de uma única pessoa, como ocorre freqüentemente em escolas tradicionais. Estará também estabelecendo relações com as famílias, organizando politicamente a comunidade.

A preparação desse agente torna-se uma contingência do processo educativo, pois ele aprende a resolver os problemas quotidianos participando e decidindo. Ao longo do tempo, através de um processo de observação constante, seja dos alunos, seja da comunidade, ele aprende a separar os problemas conjunturais dos estruturais. Este processo faz da pesquisa uma necessidade constante para aproveitamento do conhecimento infantil e da família, organizados em patamares que permitam sua integração no ambiente escolar da forma racional.

Desta maneira, a teoria educacional não se torna um conjunto desconexo de ações pedagógicas, *mas atividade de pesquisa e de ensino presentes no ambiente escolar*. A construção teórica aparece não como um fim em si mesmo, mas como meio de planejar as intervenções, sendo que as inovações pedagógicas e didáticas são internalizadas pelo professor.

Esta é a forma como pensamos a organização da unidade escolar, o que implica na socialização do trabalho docente, uma vez que o professor utiliza-se dos recursos que a comunidade lhe oferece, assim como os do ambiente de trabalho. A proposta é então uma nova política no que se refere à administração e gestão da unidade escolar, para que a pesquisa não seja mais sobre a escola, mas na escola.

* A formação se dá através de 40 dias de trabalho intensivo, seguidos de treinamento em serviço, organização de grupos de estudo e acompanhamento pedagógico.